

BOLETIM INFORMATIVO UCS - JULHO / 2026

Geração Z abandona pacotes tradicionais: 53% preferem viagens focadas em experiências



As viagens da Geração Z já não seguem mais o roteiro tradicional de férias. Em vez de pacotes fechados, resorts e viagens únicas no ano, os jovens têm priorizado experiências culturais, destinos emergentes e deslocamentos mais frequentes ao longo do ano — um comportamento que começa a impactar também o mercado de seguros de viagem. Uma pesquisa global da Dragonpass mostra que 53% dos viajantes estão optando por viagens focadas em hobbies, cultura e experiências, em vez das tradicionais férias de praia. Além disso, 50% afirmam buscar experiências de imersão cultural, enquanto 47% preferem destinos emergentes ou menos conhecidos. O levantamento também aponta que 40% priorizam viagens solo e que 26% costumam reservar a próxima viagem logo após voltar da anterior.

O movimento acompanha uma mudança geracional mais ampla. Para muitos jovens, viajar deixou de ser um evento pontual e passou a fazer parte do estilo de vida. Segundo a pesquisa, 31% afirmam que viajar é hoje uma prioridade financeira maior do que economizar para comprar uma casa. Destinos como Albânia, Montenegro, Coreia do Sul, Taiwan e Cabo Verde aparecem entre os exemplos de países que vêm atraindo esse novo perfil de turista, interessado em experiências locais, gastronomia, cultura e viagens mais independentes.

Segundo Darllan Botega, CEO da Ciclic, esse novo comportamento também começa a transformar a forma como os consumidores contratam seguros viagem. “Hoje existe um perfil de viajante muito mais dinâmico, que faz viagens mais curtas, frequentes e muitas vezes fora dos roteiros tradicionais. Isso naturalmente gera uma busca por soluções mais flexíveis e menos burocráticas, que acompanhem esse novo ritmo de consumo”, afirma.

De olho nesse cenário, a Ciclic lançou recentemente o Seguro Multiviagem, modelo anual que permite múltiplas viagens ao longo de 12 meses com uma única contratação. A proposta é atender consumidores que viajam diversas

vezes ao ano e buscam mais praticidade no planejamento. No modelo multiviagem, o cliente pode embarcar quantas vezes quiser durante o período de vigência, respeitando apenas o limite de duração de cada viagem, que pode ser de até 15 ou 30 dias, dependendo do plano escolhido. O produto inclui coberturas para despesas médicas e hospitalares, cancelamento ou interrupção de viagem, extravio de bagagem, assistência odontológica e farmacêutica, além de suporte durante a viagem.

Para Botega, a tendência é que o mercado de turismo e seguros continue se adaptando a um consumidor mais independente e conectado à experiência da viagem. “A relação das pessoas com as viagens mudou bastante nos últimos anos. Hoje existe uma valorização maior da experiência, da flexibilidade e da autonomia, e isso acaba refletindo também na forma como elas planejam a proteção durante esses deslocamentos”, completa.

Contrate um seguro viagem com a nossa corretora!

Vai viajar nas férias? Seguro residencial ajuda a proteger o imóvel durante a ausência



Julho é um dos meses de maior movimentação nas estradas e aeroportos brasileiros. Enquanto muitas famílias aproveitam as férias para viajar, outra preocupação costuma surgir antes de fechar a porta de casa: como proteger o imóvel durante os dias em que ficará vazio.

Algumas medidas simples ajudam a reduzir riscos, como evitar divulgar a viagem em tempo real nas redes sociais, pedir para alguém recolher correspondências e manter portas, janelas e portões devidamente trancados. Mas, além da prevenção, o seguro residencial pode oferecer uma camada extra de proteção para o patrimônio da família.

Muitas pessoas ainda associam esse tipo de seguro apenas à cobertura contra incêndio ou roubo. Na prática, porém, os produtos disponíveis atualmente costumam reunir diversas coberturas que podem proteger o imóvel contra eventos como vendavais, queda de raios, danos elétricos, explosões, impacto

de veículos e quebra de vidros, além de permitir a contratação de garantias adicionais conforme a necessidade de cada morador.

Outro diferencial bastante valorizado pelos consumidores é a assistência residencial. Dependendo da apólice, o segurado pode contar com serviços como chaveiro, eletricista, encanador, vidraceiro e reparos emergenciais, tanto durante uma viagem quanto no dia a dia.

Segundo especialistas do mercado, antes da contratação é importante avaliar o valor do imóvel, dos bens existentes na residência e as coberturas mais adequadas ao perfil da família. A orientação de um corretor de seguros ajuda a identificar necessidades específicas e evita a contratação de proteções insuficientes ou desnecessárias.

Mais do que indenizar prejuízos, o seguro residencial proporciona tranquilidade para que o proprietário possa aproveitar as férias sabendo que sua casa conta com uma proteção planejada para situações inesperadas.

Como aumentar a segurança durante a viagem

- Verifique se portas, janelas e portões estão bem trancados;
- Evite divulgar nas redes sociais que a casa ficará vazia;
- Peça para um vizinho ou familiar recolher correspondências e observar o imóvel;
- Desligue aparelhos eletrônicos que não precisam permanecer ligados;
- Mantenha contatos de emergência sempre atualizados.

Você sabia?

O seguro residencial costuma ter um dos melhores custos-benefícios entre os seguros disponíveis no mercado. Além das coberturas para o imóvel, muitas apólices oferecem serviços de assistência 24 horas que podem ser utilizados diversas vezes ao longo do ano, mesmo sem a ocorrência de um sinistro.

Proteja sua residência com um seguro de nossa corretora!]

Julho é o mês em que muitas famílias descobrem que gastaram mais do que imaginavam



O endividamento das famílias brasileiras atingiu 80,9% em abril de 2026, o maior patamar da série histórica da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), enquanto o número de inadimplentes já supera 74 milhões de pessoas, segundo a CNDL e o SPC Brasil. No meio do ano, porém, um problema menos visível começa a aparecer, o de famílias que não necessariamente estão endividadas descobrem que perderam o controle financeiro após meses de pequenos gastos, consumo pulverizado e falta de acompanhamento do orçamento.

Para Ricardo Hiraki, especialista em educação financeira, empreendedor e CEO da Plano Fintech, empresa que atua com educação financeira, planejamento do orçamento e reorganização de dívidas, o meio do ano é um dos períodos mais importantes para avaliar a saúde financeira das famílias. Segundo ele, após seis meses de decisões de consumo, parcelamentos e despesas recorrentes, muitas pessoas percebem que a renda continua entrando, mas a capacidade de poupar, investir ou construir patrimônio ficou pelo caminho.

“Grande parte das pessoas acredita que o problema financeiro aparece apenas quando faltam recursos para pagar as contas. Na prática, ele começa muito antes. O meio do ano oferece uma oportunidade de enxergar com clareza hábitos e comportamentos que passaram despercebidos nos meses anteriores”, afirma.

Como fazer um check up financeiro antes do segundo semestre

Assim como exames periódicos ajudam a monitorar a saúde física, as finanças também precisam de avaliações regulares. Na avaliação do especialista, junho e julho oferecem uma fotografia importante sobre a relação das famílias com o dinheiro e permitem identificar excessos antes que eles se transformem em problemas maiores.

“Esse é um dos melhores momentos do ano para revisar a vida financeira. Ainda existe tempo para corrigir rotas, reorganizar prioridades e chegar ao final do ano em uma situação mais equilibrada”, explica.

Os quatro passos para avaliar a saúde financeira

1 - Descobrir para onde o dinheiro está indo: O primeiro passo do check up financeiro é entender exatamente como a renda foi utilizada ao longo dos últimos seis meses. A recomendação é reunir extratos bancários, faturas de cartão de crédito e registros de pagamentos para mapear despesas fixas, gastos variáveis, assinaturas, parcelamentos e compras recorrentes.

“Muitas pessoas sabem quanto ganham, mas não conseguem explicar para onde o dinheiro foi. Quando esse controle não existe, fica muito difícil tomar decisões financeiras mais eficientes”, afirma.

2 - Medir o comprometimento da renda: Outro ponto importante é avaliar quanto da renda mensal já está comprometida com financiamentos, empréstimos, parcelamentos e demais obrigações financeiras.

Segundo o empreendedor e investidor, quando uma parcela significativa da renda já possui destino definido antes mesmo do início do mês, a capacidade de reagir a imprevistos ou criar uma reserva financeira fica reduzida.

Dados da CNC mostram que o cartão de crédito continua sendo a principal modalidade de endividamento das famílias brasileiras, presente em mais de 83% dos casos monitorados.

3 - Avaliar se o patrimônio está evoluindo: Uma pergunta simples pode ajudar a identificar desequilíbrios financeiros: o patrimônio cresceu nos últimos seis meses?

A análise inclui aumento da reserva financeira, redução de dívidas, crescimento dos investimentos ou aquisição de ativos. Caso a renda tenha aumentado, mas o patrimônio permaneça estagnado, isso pode indicar que o consumo está absorvendo toda a capacidade financeira da família.

“Ganhar mais dinheiro nem sempre significa melhorar a vida financeira. O que realmente importa é a capacidade de transformar renda em patrimônio e segurança para o futuro”, explica.

4 - Planejar os gastos que ainda virão: Depois do diagnóstico, o próximo passo é projetar as despesas previstas até dezembro. Férias, datas comemorativas, Black Friday e gastos tradicionais do início do ano seguinte devem fazer parte do planejamento.

Na avaliação do CEO da Plano Fintech, antecipar essas despesas reduz o risco de recorrer ao crédito de forma impulsiva e evita que o orçamento fique pressionado nos meses finais do ano.

“O erro mais comum é deixar para organizar as finanças quando o problema já apareceu. O meio do ano existe justamente para isso: analisar o que aconteceu até aqui e fazer os ajustes necessários antes que os desafios financeiros aumentem”, conclui.

Juros altos mantêm brasileiros longe do financiamento e impulsionam consórcio para imóveis e veículos



Mesmo com o início do ciclo de redução da taxa básica de juros, o crédito continua caro no Brasil e tem levado consumidores a reavaliar a forma de adquirir imóveis e veículos. A combinação entre juros ainda elevados, parcelas mais pesadas e maior cautela financeira tem impulsionado o consórcio como alternativa para quem busca planejamento patrimonial sem assumir o custo do financiamento tradicional.

Para Carlos Fuzinelli, cofundador da FVL Consórcios, o movimento reflete uma mudança clara no comportamento do consumidor brasileiro diante do custo do dinheiro. “O brasileiro passou a fazer escolhas mais calculadas. Durante muito tempo, a prioridade era antecipar a aquisição, mesmo pagando caro por isso. Hoje existe uma preocupação maior com previsibilidade, organização financeira e preservação da capacidade de investimento”, afirma.

O debate ganha força em meio ao atual ciclo monetário. Em abril, o Comitê de Política Monetária do Banco Central reduziu a Selic de 14,75% para 14,50% ao ano, segundo corte consecutivo após um período prolongado de aperto monetário. Apesar da sinalização de flexibilização, o custo do crédito para o consumidor segue elevado, especialmente em modalidades voltadas à aquisição de bens de maior valor.

A mudança de comportamento aparece também nos números do setor. Dados da Associação Brasileira de Administradoras de Consórcios mostram que o sistema encerrou 2025 com recorde histórico de 5,16 milhões de cotas comercializadas, alta de 15% sobre o ano anterior, movimentando R\$500,27 bilhões em créditos negociados. Até o primeiro bimestre de 2026, o número de participantes ativos alcançou 12,85 milhões, novo recorde para a modalidade.

Patrimônio entra no centro da decisão financeira

Além da leitura sobre consórcios como alternativa de aquisição, Carlos Fuzinelli tem acompanhado de perto as mudanças no comportamento financeiro do brasileiro, especialmente nas decisões ligadas à construção patrimonial, acesso ao crédito e planejamento de longo prazo. Com trajetória voltada à expansão de negócios e educação financeira aplicada ao consumo e ao empreendedorismo, o executivo avalia que o debate sobre juros, endividamento e organização

patrimonial deve ganhar ainda mais relevância ao longo de 2026, tanto para famílias quanto para empresários.

Segundo Fuzinelli, o consórcio passou a ser visto com outra lógica pelo consumidor. “Existe uma percepção mais madura sobre aquisição patrimonial. O foco deixou de ser apenas a velocidade da compra e passou a considerar a sustentabilidade financeira. Isso explica por que o consórcio ganhou espaço entre consumidores que antes recorreriam diretamente ao financiamento”, diz.

O movimento é perceptível tanto no mercado imobiliário quanto no automotivo. No caso dos imóveis, famílias que encontram parcelas elevadas no crédito tradicional têm buscado alternativas menos pressionadas pelo custo financeiro. Entre os compradores de veículos, o comportamento também mudou diante do maior comprometimento de renda exigido pelos financiamentos.

Para Fuzinelli, a tendência deve permanecer mesmo com cortes graduais na taxa básica de juros. “A redução da Selic ajuda, mas não altera imediatamente a realidade do crédito na ponta. O consumidor aprendeu a olhar com mais atenção para o custo total da aquisição, e isso deve continuar influenciando decisões patrimoniais ao longo deste ano”, afirma.

Planeje a conquista de seus bens com a nossa corretora de seguros!

Golpes digitais crescem e fazem consumidores buscarem mais proteção financeira



A transformação digital trouxe mais praticidade para o dia a dia, mas também abriu espaço para um crescimento acelerado das fraudes eletrônicas. Golpes envolvendo Pix, falsas centrais de atendimento, clonagem de WhatsApp, links falsos e roubo de dados pessoais continuam entre os principais crimes registrados no país, afetando consumidores de todas as idades.

Segundo especialistas em segurança digital, os criminosos têm utilizado cada vez mais engenharia social – técnicas que exploram a confiança e o

comportamento das pessoas – para convencer vítimas a realizar transferências bancárias, compartilhar senhas ou fornecer códigos de autenticação.

O cenário tem levado consumidores a adotarem mais cuidados na utilização de serviços financeiros digitais e também aumentado a procura por soluções de proteção financeira e monitoramento contra fraudes.

Embora existam produtos voltados à proteção digital, nenhuma ferramenta substitui os cuidados básicos de segurança. "O criminoso procura explorar momentos de distração ou urgência. A melhor proteção continua sendo a informação e a adoção de hábitos seguros no uso da tecnologia", alertam profissionais da área.

Outro ponto importante é agir rapidamente em caso de suspeita de golpe. Bancos e instituições financeiras recomendam comunicar imediatamente a ocorrência, bloquear cartões e contas quando necessário, registrar boletim de ocorrência e alterar senhas de acesso.

À medida que as operações financeiras se tornam cada vez mais digitais, especialistas avaliam que educação financeira e educação digital caminham juntas. Conhecer os principais golpes e saber como agir pode evitar prejuízos significativos.

Como reduzir o risco de golpes digitais

- Nunca informe senhas ou códigos recebidos por SMS ou aplicativos;
- Desconfie de ligações que pedem transferências urgentes ou atualização cadastral;
- Confirme a identidade de empresas e bancos pelos canais oficiais;
- Ative a autenticação em dois fatores sempre que possível;
- Evite clicar em links recebidos por mensagens de origem desconhecida;
- Mantenha aplicativos e sistemas operacionais sempre atualizados.

Riscos cibernéticos podem ser protegidos com seguros. Fale com nossa corretora!

Infarto sem aviso: falta de ar, enjoo e suor frio também podem ser sinal de emergência cardíaca



O imaginário popular ainda associa o infarto à cena clássica de alguém levando a mão ao peito e caindo de dor. Mas a vida real costuma ser menos cinematográfica e mais traiçoeira: em muitos casos, a emergência cardíaca começa com falta de ar súbita, náusea, suor frio, tontura, mal-estar importante ou uma sensação estranha de exaustão. O alerta ganha força com a Diretriz Brasileira de Atendimento à Dor Torácica na Unidade de Emergência – 2025, publicada pela Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), que reforça a necessidade de reconhecer rapidamente sintomas típicos e atípicos para reduzir atrasos no diagnóstico e no atendimento.

O tema tem peso de utilidade pública. Segundo o Ministério da Saúde, o infarto agudo do miocárdio é a maior causa de mortes no país. O Brasil registra entre 300 mil e 400 mil casos por ano, e o atendimento nos primeiros minutos é decisivo para salvar vidas e reduzir sequelas.

Para a cardiologista do Hospital Cardiológico Costantini, Bianca Prezepiorski, o problema não está apenas na gravidade do infarto, mas no fato de que muita gente ainda espera um sintoma “óbvio” para procurar socorro. “Existe um atraso perigoso entre o início dos sintomas e a decisão de buscar ajuda. Muita gente acha que infarto precisa, obrigatoriamente, começar com uma dor intensa no peito, mas nem sempre é assim. Falta de ar, náusea, suor frio, tontura ou um mal-estar súbito também podem sinalizar uma emergência cardiovascular.

Quando o paciente demora para procurar atendimento, o coração perde tempo, e isso pode custar músculo cardíaco, qualidade de vida e, em casos mais graves, a própria vida”, afirma a especialista.

A diretriz da SBC destaca que a avaliação da dor torácica e de seus equivalentes deve ser ágil na emergência. Entre os sinais que exigem atenção estão pressão, aperto ou queimação no peito, dor irradiada para braço, ombro, costas, pescoço ou mandíbula, além de dispneia, sudorese, náusea, vômito, tontura e sensação de desmaio. O documento também reforça a importância do eletrocardiograma em até 10 minutos para pacientes com suspeita de síndrome coronariana aguda.

O alerta é ainda mais importante em grupos nos quais a apresentação pode ser menos típica. O Ministério da Saúde destaca que, em idosos e pessoas com diabetes, o quadro pode ser menos característico, e a falta de ar pode, em alguns casos, aparecer como sinal predominante. Já a cardiologia brasileira vem reforçando a necessidade de maior atenção à saúde cardiovascular feminina: as doenças cardiovasculares seguem como a principal causa de morte entre mulheres em grande parte do ciclo de vida.

“Em mulheres, idosos e pessoas com diabetes, o infarto pode escapar do padrão que muita gente aprendeu a reconhecer. Às vezes, o paciente descreve como azia, enjoo, cansaço extremo ou dificuldade para respirar. Por isso, informação salva. Quanto mais cedo a população entende que o corpo pode pedir socorro de formas diferentes, maiores são as chances de diagnóstico rápido e de tratamento no tempo certo”, acrescenta Dra. Bianca.

Na prática, a orientação é simples: sintomas novos, intensos ou fora do padrão habitual, sobretudo quando surgem de forma súbita, não devem ser banalizados. Esperar “passar sozinho” pode custar caro. O cuidado imediato é parte central das recomendações atuais da cardiologia, justamente porque o tempo entre os primeiros sinais e o atendimento influencia diretamente o desfecho clínico.

Sinais de alerta que exigem avaliação médica imediata

- pressão, aperto ou queimação no peito;
- dor que irradia para braço, ombro, costas, pescoço ou mandíbula;
- falta de ar súbita;
- suor frio;
- náusea ou vômito;
- tontura, sensação de desmaio ou mal-estar importante;
- fadiga intensa e incomum, especialmente quando associada a outros sintomas.

Conheça as opções de planos de saúde da nossa corretora!